



# XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:  
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

## XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

### GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

#### MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONSCIENTE PARA UM PROTAGONISMO SOCIAL NEGRO NO ENANCIB

#### *MEDIATION OF CONSCIOUS INFORMATION FOR A BLACK SOCIAL PROTAGONISM IN ENANCIB*

Felipe Arthur Cordeiro Alves – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Gisele Rocha Côrtes – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

#### Modalidade: Trabalho Completo

**Resumo:** Esta comunicação objetiva apresentar a importância da mediação da informação consciente para o estabelecimento de um protagonismo social negro nos anais do ENANCIB. Abordamos brevemente os impactos do colonialismo e do racismo estrutural no país, considerando que ambos dificultam o protagonismo social negro em diversos contextos. No âmbito teórico, discorreremos acerca do conceito de mediação da informação e suas dimensões, em interface com a noção de protagonismo social, e destacamos a imprescindibilidade do primeiro para o desenvolvimento do segundo. Os resultados expostos indicaram uma baixa quantidade de pesquisas sobre a população negra no ENANCIB. No corpo de pesquisadores(as) que desenvolveram pesquisas sobre esse tema no evento, destacamos o protagonismo social negro, o que significa que a mediação da informação consciente e o *aquilombamento* estabelecido por esses sujeitos contribuem com nesse processo. As considerações conclusivas apontaram que a mediação da informação consciente é importante para o protagonismo social negro no ENANCIB. É inescusável que o corpo científico se reconheça como protagonista nesse processo mediador e que sua atuação modifique sua própria realidade e a de outrem.

**Palavras-chave:** racismo estrutural; mediação da informação; protagonismo social; ENANCIB.

**Abstract:** This research aims to present the importance of the mediation of conscious information for the establishment of a black social protagonism in the annals of ENANCIB. We briefly discuss the impacts of colonialism and structural racism in the country, considering that both hinder black social protagonism in different contexts. In the theoretical scope, we discuss the concept of information mediation and its dimensions in interface with the notion of social protagonism, highlighting the indispensability of the first for the development of the second. The results presented show a low amount of research on a black population in ENANCIB. We highlight the black social protagonism among the body of researchers who developed research on this theme at the event, showing how the mediation of conscious information and the *aquilombamento* established by these subjects in this process. The concluding considerations point to the importance of the mediation of conscious information for black social protagonism in ENANCIB. It is inexcusable that the scientific body recognizes itself as a protagonist in this mediating process and that its performance can modify its own reality and external reality.

**Keywords:** structural racism; information mediation; social protagonism; ENANCIB.

## 1 INTRODUÇÃO

Oriunda de dissertação de Mestrado concluída em março de 2021, a pesquisa é resultado de um processo de compreensão da realidade socioeconômica da população negra e dos efeitos da ignominiosa escravidão e das consequências do racismo estrutural na composição da sociedade brasileira. A partir desse processo, foi possível perceber as dificuldades de inserir socialmente a comunidade negra, que obsta o protagonismo social desse grupo em diversas ambiências, inclusive nas universidades e, por conseguinte, nas produções científicas.

Notadamente nesse contexto de apresentação de resultados, este estudo objetiva apresentar a importância da mediação da informação consciente para o estabelecimento de um protagonismo social negro nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Nos tópicos seguintes, apresentamos as implicações do racismo estrutural para o protagonismo social negro; discorremos sobre o conceito de mediação da informação e seus desdobramentos, considerando a produção científica não só como uma atividade mediadora exercida fora de qualquer espectro de casualidade ou neutralidade, mas também, como uma interferência direta, intencional e política (GOMES, 2019a); citamos os(as) principais autores(as) cujos trabalhos a respeito da população negra foram publicados no evento; e tecemos algumas considerações sobre as relações estabelecidas entre eles(as), evidenciando como a atuação desses(as) pesquisadores(as) contribui para um protagonismo social negro nesse contexto.

Para construir o referencial teórico desta pesquisa, utilizamos, majoritariamente, estudos desenvolvidos por pesquisadores(as) negros(as) e fora do eixo europeu e do norte-americano, em um exercício de práxis decolonial e descolonizadora de saberes, atuando de modo a favorecer o protagonismo social negro na área. O *corpus* do estudo que baseou esta pesquisa foram os anais do ENANCIB entre 1994 e 2019. Para a busca nos títulos, nos resumos e nas palavras-chave, foram utilizados os seguintes termos: negro(a), afrodescendentes, pretos(as), população negra, cotas, ações afirmativas, raça, etnia, preconceito racial, discriminação racial, racismo, movimento negro e informação étnico-racial.

Para essa etapa, foram destacados(as) dez autores(as) com mais participações em pesquisas sobre a população negra no ENANCIB. Ressaltamos que todos são pesquisadores(as) negros(as). Esse cenário apresenta um protagonismo social negro, dentre os(as) autores(as) que se dedicam a desenvolver pesquisas no evento com esse *locus*. Para caracterizá-los(as) sob o

ponto de vista étnico-racial, utilizamos critérios de heteroidentificação e confirmação com eles(as) próprios(as).

A importância deste estudo diz respeito à desconstrução de um dos maiores problemas sociais brasileiros, o racismo estrutural, que atua como uma ferramenta estruturante de desigualdades socioeconômicas e desfavorece o protagonismo social negro em diversos contextos, inclusive na Ciência da Informação e no ENANCIB. Visamos, com este estudo, salientar a relevância da consciência da comunidade científica de seu papel como mediadora de informações.

## **2 AS IMPLICAÇÕES DO RACISMO ESTRUTURAL NO PROTAGONISMO SOCIAL NEGRO**

O racismo no Brasil existe desde quando o país era uma colônia portuguesa. O colonialismo iniciou um processo estruturante das relações que permanece até os nossos dias. Na carta <sup>1</sup>de Pero Vaz de Caminha, os índios foram descritos assim: “Dali avistamos homens na praia [...] Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrissem suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas” (CAMINHA, s. d.). O relato expôs a diferença de cor entre a população indígena e a europeia e um choque cultural e uma atitude etnocêntrica em relação ao uso de vestimentas e costumes.

O racismo, instaurado no país pelo colonialismo, foi agravado em grande medida pelo regime escravista. Conforme Gomes (2019b), a escravidão foi uma tragédia humanitária de grande lastro e não há tema mais relevante do que esse e tão definidor da construção da identidade social do país. Segundo o autor, o Brasil foi a maior território escravista do Ocidente, ao longo de três séculos, e um dos países mais resistentes ao fim do tráfico negreiro e à abolição da escravidão.

Além do exposto acima, vale salientar que, depois que a escravidão foi abolida, não houve qualquer política de inclusão social compensatória por parte do Estado Brasileiro para inserir a população negra em diversos segmentos sociais. Por essa razão, é importante ponderar que o racismo brasileiro tem características próprias que estruturaram e estruturam as relações sociais no país.

Sob o ponto de vista de Nascimento (2019, p. 35), a ideologia racista “resulta para o negro em um estado de frustração, pois lhe barra qualquer possibilidade de autoafirmação

---

<sup>1</sup> Carta disponível em: [http://objdigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acesso em: 30 maio 2021.

com integridade, identidade e orgulho”. Como podemos observar, o racismo brasileiro pode atuar como um fator limitante do protagonismo social negro.

Nascimento (2019b) assevera que, no Brasil, há um monopólio de poder por parte da população branca minoritária, desde os tempos coloniais até a contemporaneidade. Esse processo, em geral, é considerado natural ou direito democrático. O mito da democracia racial está fundamentado nessas premissas. Isso justifica o resultado das mudanças políticas e socioeconômicas não ter afetado drasticamente a estrutura de supremacia racial branca.

Diversos indicadores demonstram que o cenário exposto pelo autor, lamentavelmente, ainda é uma realidade. As desigualdades étnico-raciais são uma chaga aberta na sociedade brasileira, que evidenciam uma contradição em termos de representatividade social em diversos espaços sociais. A título de ilustração desse cenário discrepante, apontamos alguns dados referentes à educação que é o cerne desse estudo. Em 2019, pela primeira vez<sup>2</sup>, a maioria das matrículas em universidades e faculdades do país foram preenchidas pela comunidade negra. Vale salientar que a comunidade negra compõe a maioria da população negra desde o período colonial e somente há dois anos a mesma passou a ser majoritária nos centros de educação superior do país. Tal cenário demonstra como o racismo dificulta o protagonismo social negro.

Silva (2010) empreendeu uma investigação científica acerca de professoras doutoras no país com base em dados oficiais. Na ocasião, a autora constatou que, até o ano de 2005, apenas 251 mulheres negras compunham o total de 63. 234 doutores(as) em exercício no ensino universitário. No caso das mulheres negras, as dificuldades são ainda maiores na vida acadêmica, devido ao sexismo e ao machismo que permeiam e estruturam as relações sociais.

Segundo dados do (IBGE)<sup>3</sup>, publicados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2019, no Brasil, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais foi estimada em 6,6%. Para pessoas negras a taxa de analfabetismo foi de 8,9% e a da população branca foi de 3,6%, o que representa menos da metade da taxa para a comunidade negra. Os indicadores educacionais apresentados apresentam uma conjuntura substancialmente desfavorável ao protagonismo social negro nas ambiências acadêmicas. Tais

---

<sup>2</sup>Parágrafo baseado na seguinte notícia: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039\\_261472.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039_261472.html). Acesso em: 29 maio 2021.

<sup>3</sup>Dados veiculados em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 29 maio 2021.

dados evidenciam uma estrutura racista instaurada no país ao longo da história e que vigora em larga escala atualmente.

Almeida (2019, p. 50) concluiu que o racismo no Brasil é estrutural.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

Considerando o exposto, somos levados a questionar: A população negra pode exercer seu protagonismo social diante de tantas forças estruturais contrárias a isso? Não há uma resposta simples para esse questionamento, porém podemos apresentar alguns caminhos possíveis para elucidar essa questão, considerando que a mediação da informação contribuiu para esse processo.

Antes, porém, é preciso compreender, conforme Perrotti (2017), que o termo protagonismo está sendo utilizado por diversos campos sociais, principalmente os que lutam por direitos de diversas naturezas. O autor enuncia que o termo 'protagonista' é formado por "proto" (o principal, o primeiro) e "agon/agonistes" (luta/o que luta). Portanto, ser protagonista significa ser o(a) principal lutador(a). Com base nisso, podemos considerar que o protagonismo negro perpassa um movimento histórico de luta e resistência às intempéries do racismo estrutural no país. Perrotti (2017) acrescenta que protagonismo é sinônimo de resistência e embate de antagonismo. O protagonismo se expressa na tomada de posição dianteira em relação a fatores que ameaçam o grupo. É possível encontrar, na literatura científica, diversos tipos de protagonismo: o protagonismo cultural, o protagonismo social, o protagonismo feminino, o protagonismo masculino, entre outros. Para fins deste estudo, trabalhamos com o conceito de protagonismo social.

Gomes (2019a, p. 19) assevera que:

[...] o protagonismo social se caracteriza como elemento fundante do processo democrático de construção de bases de humanização do mundo e, o efetivo desenvolvimento desse protagonismo se dá com o apoio das atividades de mediação consciente da informação, o que implica no conhecimento do que seja informação, da sua missão social, das dimensões da mediação e da força dessa ação também protagonista.

Gomes (2019a) refere que o protagonismo social se configura na atribuição da mediação consciente da informação e que a mediação da informação é a ação central do

processo de protagonismo, em que a informação é colocada como impulsionadora do protagonismo. No tópico a seguir, discutiremos sobre a relação entre a mediação da informação e o protagonismo social negro no ENANCIB e apresentamos resultados do estudo que embasou esta pesquisa.

### **3 A INTERFACE ENTRE A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONSCIENTE E O PROTAGONISMO SOCIAL NEGRO NO ENANCIB**

No título anterior, observamos as consequências do racismo estrutural para o estabelecimento do protagonismo social negro e salientamos a centralidade da mediação da informação no processo de construção de protagonismos.

Para Almeida Júnior (2015, p. 25), a mediação da informação pode ser entendida como

toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).

Ampliamos a compreensão de mediação da informação exposta acima para os(as) cientistas da informação. Consideramos o fazer científico e os construtos epistemológicos dela derivados como uma atividade mediadora. A ação dos(as) cientistas é também uma ação de interferência que visa à apropriação informacional dos(as) usuários(as) e leitores(as) da produção científica. E como as produções científicas são publicadas e disseminadas, elas não “voltam vazias” para os(as) autores(as), pois os estudos científicos são capazes de provocar transformações em diversos níveis.

Santos Neto e Almeida Júnior (2017) pontuam que é importante compreender que se apropriar da informação não significa somente usar a informação, mas também compreender o conteúdo e que o sujeito que se apropriou da informação deve ser transformado. Assim, consideramos que produções científicas com foco na população negra podem servir para estimular novos estudos sobre o tema, promover transformações em âmbito pessoal e social e favorecer o protagonismo social negro na área.

Apesar do exposto, é importante ponderar que a mediação da informação em favor do protagonismo precisa ser exercida conscientemente. Gomes (2019a, p. 18) afirma que “não se tem efetivamente mediação da informação em favor do desenvolvimento do protagonismo

social sem a execução consciente”. Além disso, o corpo de pesquisadores(as) que empenham estudos étnico-raciais deve compreender que sua atuação não é neutra, mas uma ação política. Vale sopesar, segundo Gomes (2017), que o(a) próprio(a) mediador(a) da informação é, também, um protagonista social, já que interfere, direta e indiretamente, no ambiente informacional e no desenvolvimento do protagonismo social de outrem.

Ao discorrer acerca da atuação política do(a) mediador(a) da informação, adentramos as dimensões da mediação da informação. Gomes (2017) entende que a mediação da informação é um processo que abrange a interlocução entre informação e comunicação e que tem cinco dimensões: a dialógica, a estética, a ética, a formativa e a política.

Em âmbito dialógico, a mediação da informação é um processo importante para o desenvolvimento humano, cuja base de sustentação é a dialogia. Em uma perspectiva dialógica, a mediação gera espaços que propiciam o surgimento de novos conhecimentos (GOMES, 2017). Acerca da dimensão estética, a autora expõe que a ação mediadora auxilia os sujeitos a resgatarem sua autonomia. Esse sentido autônomo proporciona que os sujeitos informacionais apreciem o prazer e o sentido do belo, descortinando o caráter estético da mediação da informação. Por se tratar de uma ação de interferência no processo informacional, é importante ressaltar a dimensão ética da informação. Gomes (2017) entende que a mediação da informação também pode estar ligada ao ato de cuidar, em que o(a) mediador(a) também é um(a) cuidador(a). Desse modo, é preciso zelar por princípios que inibam a censura e a desconsideração à liberdade e à igualdade de direitos. No aspecto informativo, Gomes (2017) considera que o objetivo implícito da dimensão formativa é de construir o protagonismo social por meio de um processo dialógico que aproxima agentes e dispositivos. Isso requer que o(a) mediador(a) tenha consciência de quem também é um protagonista nesse processo. Importante frisar que as dimensões da mediação da informação foram trabalhadas pela autora em outras pesquisas, que foram apresentadas de forma resumida, tendo em vista os limites desta pesquisa.

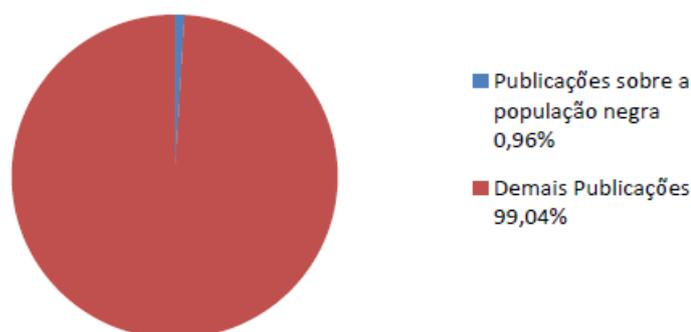
É importante ressaltar que, como o(a) mediador(a) da informação é protagonista de um processo que pode favorecer o desenvolvimento e o protagonismo social de outras pessoas e outros grupos, é imprescindível que tenha uma decisão clara em relação ao compromisso social que exerce em seu conhecimento especializado (GOMES, 2017). Considerando que a *práxis* científica pode favorecer o protagonismo social de outrem, é imprescindível conscientizar-se de que o corpo científico e os trabalhos científicos precisam

estar em sintonia com uma mediação de informação consciente, que contribua, em grande medida, para o cumprimento da responsabilidade social da área. É mais difícil exercer o protagonismo social em ambientes de grande prestígio, o que o torna mais desafiador. O ENANCIB é um evento de grande relevância no contexto da Ciência da Informação brasileira. Silva et al (2019) afirmam que é “o principal evento de pesquisa e pós-graduação do país que visa à discussão e reflexão da produção científica na área de Ciência da Informação”.

No estudo que baseou esta pesquisa, ficou evidente a escassez de pesquisas acerca da população negra no ENANCIB, um cenário que precisa ser visibilizado e compartilhado para criar reflexões e ações no caminho da construção do protagonismo social negro desejado e necessário. Conforme Alves (2021), entre 1994 e 2019, apenas 40 estudos sobre a população negra foram encontrados nos anais do evento nesse período, tendo como base os termos utilizados no presente estudo. Essa amostra foi pequena diante do universo de 4.139 trabalhos no período.

**Gráfico 1 – Publicações sobre a população negra nos ENANCIBs.**

### **Publicações sobre a população negra no ENANCIB (1994-2019)**



**Fonte: Alves (2021, p. 121)**

Importante ressaltar que o exposto representa os trabalhos que foram aceitos e publicados no evento, porém é bastante provável que outros tenham sido submetidos, mas não foram aprovados pelos(as) pareceristas. É importante destacar que muitos (as) pesquisadores(as) que publicam sobre a população negra não submetem suas produções somente ao ENANCIB, mas também a outros espaços científicos. Consideramos que o cenário exposto é preocupante para o protagonismo social negro no evento, de modo geral, o qual não se desenvolve plenamente. Quanto aos estudos acerca da população negra nos anais do evento, o tema ainda não exerce um protagonismo. Todavia, observando os(as) autores(as)

destacados, pudemos constatar um protagonismo social negro entre os(as) autores(as) que mais contribuíram. Almeida Júnior (2017) sugere que não devemos compreender o protagonismo como algo que se dará plenamente, porque ele é limitado. Nesse contexto, não podemos compreender o protagonismo em uma perspectiva dualista, em que há ou não há protagonismo.

O quadro seguinte apresenta os(as) dez autores(as) que mais publicaram trabalhos nos ENANCIBs. Para fazer esse recorte, o critério adotado foi de participação em mais de uma pesquisa no evento, seja como primeiro autor(a) ou como coautor(a).

**Quadro 1 – Destrinchando o corpo autoral nos anais do ENANCIB (1994 – 2019)**

	<b>AUTORES/AUTORAS</b>	<b>PUBLICAÇÕES COMO AUTOR/A</b>	<b>PUBLICAÇÕES COMO COAUTOR/A</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>
<b>01</b>	Mirian de Albuquerque Aquino	02	07	UFPB
<b>02</b>	Franciéle Carneiro Garcês da Silva	04	01	UFRJ/UFMG
<b>03</b>	Leyde Klebia Rodrigues da Silva	03	01	UFPB/UFRJ - IBICT
<b>04</b>	Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda	03	00	UNIRIO
<b>05</b>	Graziela dos Santos Lima	02	01	UNESP
<b>06</b>	Francilene do Carmo Cardoso	02	00	UFF
<b>07</b>	Rubens Alves da Silva	02	00	UFMG
<b>08</b>	Vanessa Alves Santana	01	01	UFPB
<b>09</b>	Izabel França de Lima	01	01	UFPB
<b>10</b>	Jobson Francisco da Silva Júnior	01	01	UFPB

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Destacamos, inicialmente, a filiação institucional dos(as) autores, no momento de produção da pesquisa, com destaque para a Universidade Federal da Paraíba, e seu Programa de Pós-Graduação (PPGCI) em Ciência da Informação. Isso salienta a forte presença de uma perspectiva social da universidade e do programa. Todos(as) os(as) dez autores(as) são

negros(as), o que denota que há um protagonismo social negro no corpo de pesquisadores(as) que desenvolvem estudos acerca da população negra.

Nesse contexto, nas relações estabelecidas entre os(as) autores(as) destacados(as), fica latente como a mediação da informação foi estabelecida conscientemente. Tomamos como exemplo a Professora Mirian de Albuquerque Aquino, que foi a precursora<sup>4</sup> de estudos acerca da comunidade negra no ENANCIB e orientadora de quatro pesquisadores(as) dos(as) dez destacados(as): Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Vanessa Alves Santana, Izabel França de Lima e Jobson Francisco da Silva Júnior. A Professora Mirian sempre produziu trabalhos científicos em parceria com seus(as) orientandos(as) e colegas de trabalho. Então, foi coautora em sete pesquisas no ENANCIB. Sua atuação mediadora colaborou para que esses(as) pesquisadores(as) desenvolvessem estudos étnico-raciais e se tornassem protagonistas. Conforme já dito, o(a) agente mediador(a) interfere no ambiente informacional e no processo de desenvolvimento do protagonismo social de outrem.

Entendemos que a Professora Mirian Aquino, por meio da mediação da informação consciente, não só contribui para fomentar novos estudos a respeito da população negra e para que fosse protagonista social nesses estudos, como também instaurou um movimento de quilombamento que formou uma frente negra de pesquisadores(as) atuantes nos temas étnico-raciais na área. Souza (2008, p. 106) enuncia que

aquilombar-se é uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. Esse existir tem um movimento fortemente voltado para a coletividade, para os laços que unem os quilombolas entre si e que, num movimento mais amplo e recente, une as comunidades de distintas regiões. A resistência e a autonomia, aspectos fundamentais da construção identitária das comunidades quilombolas, são também as linhas motoras do movimento de aquilombar-se. Por meio de estratégias as mais distintas possíveis, essas comunidades se estabelecem enquanto lócus de alteridade em relação à dita sociedade nacional e reivindicam o reconhecimento de sua cultura, de seus costumes, de suas formas de organização.

---

<sup>4</sup> Em 1997, no III ENANCIB, foi apresentado o estudo “O charme e o acesso à automação através de diferentes linguagens comunicacionais”, escrito por Arlete Nery de Andrade, Judite dos Santos Rosário e Leila Beatriz Ribeiro. A pesquisa não possui os termos de busca utilizados na dissertação, mas por se tratar da memória cultural em articulação com a construção de uma identidade negro-brasileira, consideramos importante evidenciar. (GARCES, 2019)

É possível observar ações de mediação da informação e de aquilombamento na atuação de outras pesquisadoras destacadas no estudo. Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Graziela dos Santos Lima e Franciele do Carmo Cardoso atuaram/atuam na organização de livros do selo *Nyota*. Segundo o site<sup>5</sup> do selo, seu objetivo é de disseminar e visibilizar conhecimentos e pesquisas produzidos por mulheres, negros(as), indígenas e LGBTQIA+ cujo interesse principal seja de divulgar estudos, descobertas científicas e experiências profissionais. No catálogo, o selo conta com os seguintes títulos<sup>6</sup> acerca da população negra: *Bibliotec@rios negr@s*, primeira, segunda e terceira edições; *O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia*; *Epistemologias negras: relações raciais na Biblioteconomia*; *Mulheres negras na Biblioteconomia*; entre outros. Importante destacar também a atuação docente dos(as) professores(as) doutores(as) Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda, Rubens Alves da Silva e Izabel França de Lima. Todos têm produções científicas e projetos de pesquisa que focam as questões étnico-raciais. Vanessa Alves Santana e Jobson Francisco da Silva Júnior dão continuidade ao legado da Professora Mirian Aquino por meio de suas atuações como pesquisadores(as), produzindo e disseminando pesquisas com foco na comunidade negra e em questões étnico-raciais.

Apesar da pouca quantidade de trabalhos em relação ao número total, vale salientar que seis, dos quarenta trabalhos recuperados pela pesquisa, foram premiados. Esse reconhecimento iniciou em 2010 e se estendeu até a última edição, realizada em 2019. Isso demonstra que, na última década, houve mais abertura e um reconhecimento significativo do tema no ENANCIB, o que não significa que não existam muitos desafios para enfrentar o epistemicídio<sup>7</sup> negro no evento.

A Professora Mirian Aquino também foi precursora dos trabalhos premiados. Em 2010, em parceria com Ariluci Goes Elliot, a pesquisa ‘*Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca Federal do Ceará – Campus Cariri*’ foi premiada no GT 10 do evento. Em 2011, foi premiado no GT 10 o estudo ‘*A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra*’, de autoria das pesquisadoras Francilene do Carmo Cardoso e Nanci Gonçalves da Nóbrega. Em 2014, também no GT 10, foi premiado o trabalho ‘*Memória da população negra e informação étnico-racial: percebendo limites*’, escrito por

---

<sup>5</sup> Link de acesso para o site do selo *Nyota*: <https://www.nyota.com.br/sobre>. Acesso em: 01 jun. 2021.

<sup>6</sup> O catálogo do selo pode ser acessado em: <https://www.nyota.com.br/livros>. Acesso em: 01 de junho de 2021.

<sup>7</sup> Entendemos epistemicídio na perspectiva de Carneiro (2005), referenciada no final do texto.



encontro da compreensão de protagonismo social, em que protagonistas empoderados(as) atuam formando novos protagonistas em âmbito individual e coletivo.

O protagonismo social está relacionado ao ato de empoderar, que é transformar a si mesmo e aos outros em protagonistas, é sair de uma condição de sujeição, é livrar-se do fardo de estar sujeito a uma subjetividade imposta que dita quem você é e como deve agir, é um processo criativo pelo qual pessoas e coletividades ampliam seu campo de ação (ABEN, 2014, p. 16).

Considerando o contexto apresentado, com base em Almeida Júnior (2017) e Gomes (2017, 2019a), entendemos que a mediação da informação consciente é uma condição *sine qua non* para o protagonismo social negro no ENANCIB. Nesse contexto, a mediação da informação age, transforma e ressignifica a ambiência em questão. É necessário, portanto, aumentar o número de pesquisas e de pesquisadores(as) que atuem nas questões raciais, trabalhando no sentido de desarticular o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, especialmente nas ambiências acadêmicas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre a importância da mediação da informação consciente para o protagonismo social negro, correspondemos à proposta deste estudo, porquanto abordamos as implicações do racismo estrutural para o estabelecimento de um protagonismo social negro em diversos contextos e, de modo especial, nos anais do principal evento de Ciência da Informação do país, o ENANCIB. Consideramos imprescindível os(as) pesquisadores(as) se conscientizarem de seu papel político e protagonista. Em conformidade com Gomes e Côrtes (2020), entendemos que, quando toma consciência, o(a) mediador(a) passa a se reconhecer como sujeito político, um(a) protagonista social, que planeja, executa e avalia suas ações e reflete sobre elas, com base nos fundamentos da mediação da informação e suas dimensões.

Enfim, consideramos que o caminho de um protagonismo social negro, no ENANCIB, perpassa, obrigatoriamente, um processo de mediação da informação consciente e protagonismo por parte dos(as) pesquisadores(as) engajados em estudos étnico-raciais com foco na população negra. Como mediadores(as), agem e interferem, primeiramente, na própria vida e, posteriormente, na vida de outras pessoas. Destacamos como inescusável para o protagonismo social negro a produção de estudos a respeito da comunidade negra e a divulgação da produção científica. Consideramos que a esperança por uma sociedade menos

racista e com um protagonismo social negro em diversas áreas deve ser baseada em uma “esperança operante”, segundo ensina o provérbio africano, que diz: “e enquanto você reza, vá fazendo<sup>8</sup>”. Em outras palavras, enquanto desejamos e pedimos, vamos lutando, construindo e trabalhando por um mundo mais negro e por mais negros(as) como protagonistas sociais.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Ação cultural e protagonismo social. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 45-58.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. **Divers@**: Revista 150 Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45052>. Acesso em: 21 dez. 2020.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. **A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro**: do epistemicídio à [des]colonialidade. 2021. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM (ABEN). Protagonismo da enfermagem no processo de cuidar. *In*: SEMANA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 75., 2014, Brasília, DF. **Caderno de Dicas**. Brasília, DF: ABEN, 2014. p. 1-36. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/download/dicas2014.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2019.

CAMINHA, P. V. [Correspondência]. S. l., s. d.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro- como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: 157 relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 27-44.

---

<sup>8</sup> [https://www.pensador.com/autor/proverbio\\_africano/](https://www.pensador.com/autor/proverbio_africano/). Acesso em: 02 jun. 2021.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, 2019a. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiininf/article/view/4644/4048>. Acesso em: 08 jul. 2019.

GOMES, Henriette Ferreira; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Mediação da informação consciente e protagonismo social das mulheres: as práticas informacionais das teorias críticas feministas. *In*: ALVES, Edvaldo Carvalho; BRASILEIRO, Fellipe Sá; CÔRTEZ, Gisele Rocha; MELO, Daniella Alves de. (org.). **Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa**. João Pessoa: UFPB, 2020. p. 113-182.

GOMES, Laurentino. **A escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019b.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

SANTOS NETO, João Arlindo dos; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. O caráter implícito da mediação da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/29249>. Acesso em: 18 dez. 2019.

SILVA, Elaine Drumond Pires ; MARIA, Thais Campos; FROGERI, Rodrigo Franklin; FERREIRA, Daniela Assis Alves. Análise sociométrica do Grupo de Trabalho 4 do ENANCIB: um estudo das relações entre os autores, coautores e instituições de ensino. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019. Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ENANCIB, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/2019/paper/882/>. Acesso em: 08 jan. 2020.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Joselina da. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 19-36, jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/article/view/2175-795X.2010v28n1p19/17811>. Acesso em: 25 ago. 2020.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro**. 2008. 204 f. Dissertação – (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília,DF, 2008.